

SUMÁRIO

Editorial.....	125
Luiz José Dietrich. A descolonização da Bíblia, da “Palavra de Deus”: O desafio primeiro e urgente para uma teologia descolonial	131
Gilson Meurer. Liberdade e fraternidade sob o sinal do pão em Marcos 6–8	155
Renatus Porath. A Palavra de Deus testada em terra estranha – A trajetória do debar YHVH no escrito dêutero-isaiânico	165
Ademir Rubini. O chamado à liberdade	179
Silvia Regina Nunes da Rosa Togneri. Convite à liberdade, à felicidade e à fraternidade no livro do Apocalipse	191
Orides Bernardino. “Felizes somos nós, Israel, pois aquilo que agrada a Deus a nós foi revelado” (Br 4,4)	203
Ariél Philippi Machado. O Catecumenato e a Palavra de Deus	209
Celso Loraschi. Palavra de esperança. Reflexões a partir da <i>Verbum Domini</i>	219
Livros recebidos.....	230

EDITORIAL

Os textos bíblicos, quando refletidos a partir da realidade em que vivemos, proporcionam a abertura de caminhos novos, transformam nossas mentes e desencadeiam mudanças de atitudes em vista de outro mundo possível; visam o estabelecimento de novas relações conosco mesmos, com os outros e com todo o universo; funcionam como um “convite à liberdade e à fraternidade”. Com esta motivação central, alguns biblistas de Santa Catarina partilham aqui as suas reflexões.

O artigo inicial é da autoria de *Luiz José Dietrich*: “A descolonização da Bíblia, da Palavra de Deus”. Busca contribuir na tarefa, necessária e urgente, de descolonização da teologia. Daí o subtítulo: “O desafio primeiro e urgente para uma teologia descolonial”. Questiona certos usos da Bíblia, entendida e muitas vezes imposta como “A Palavra de Deus”, como livro “revelado” e ou “inspirado”; eles exercem um papel importante nos processos de colonização e legitimação da hegemonia política, econômica e cultural europeia e ocidental sobre o sul do mundo. Certas correntes cristãs, associadas a projetos de dominação cultural e de exploração política e econômica, se estabeleceram profundamente nos territórios e consciências de muitos povos dominados. Florescem atualmente, inclusive, novas formas de cristianismos, ativamente sinérgicos na consolidação de características do neoliberalismo como a “ideologia da autonomia e do individualismo possessivo”. Além da contribuição de uma série de referenciais da descolonização das ciências sociais, de dados recentes da arqueologia e de uma revisão crítica da história de Israel e da história da redação da própria Bíblia Hebraica, é necessário, segundo o autor, buscar também uma descolonização da Bíblia e do próprio conceito de “Palavra de Deus”, bem como dos dogmas da Inspiração e da Revelação, pois as pesquisas mais recentes deixam claro que grande parte dos textos bíblicos foi elaborada em aliança com reis e imperadores, dentro de projetos com índole imperialista e colonialista. O autor sugere que uma leitura descolonizada e descolonizadora deveria formular um conceito de Palavra de Deus mais ligado à função do que à origem ou à autoridade a qual o texto é atribuído.

O segundo artigo “Liberdade e fraternidade sob o sinal do pão em Marcos 6–8” é de autoria de *Gilson Meurer*. Inicia afirmando que “liberdade e fraternidade encontram sua expressão concreta em Jesus Cristo”. Para ilustrar esta afirmativa, ele analisa os episódios das multiplicações de pães conforme narradas no Evangelho de Marcos. A primeira multiplicação (Mc 6,30-44) foi escrita para demonstrar que Jesus, pastor compassivo e atento às necessidades das pessoas, oferece ao povo da primeira aliança pão em abundância, cumprindo as expectativas messiânicas. Indica alguns elementos presentes na narrativa – como o deserto

e a grama verde – que fazem conexão com o Êxodo e a Páscoa dos judeus. O ensino e a partilha, gestos concretos de fraternidade realizados por Jesus, relacionam-se com a Lei de Moisés e o pão que Deus ofereceu ao povo em caminhada para a terra prometida. Jesus é o pastor messiânico que repete as ações amorosas de Deus, fonte de vida em abundância para todos. A segunda multiplicação (Mc 8,1-9) se dá após a queda dos muros de separação realizada no capítulo da viagem aos pagãos (Mc 7), celebra o banquete universal do Messias, congregando em fraternidade todos os povos. Diferentemente da primeira multiplicação, quando a multidão foi caracterizada de forma bem precisa, o evangelista, dessa vez, deixa aberto para todas as etnias, idades e gênero participarem deste banquete, indicando assim sua dimensão universal.

O terceiro artigo, escrito por *Renatus Porath*, trata da “Palavra de Deus testada em terra estranha”. Antes de entrar no tema propriamente dito, chama a atenção para a importância da Palavra de Deus como fonte alimentadora da fé ativa na prática do amor, desencadeadora de um movimento de mudança de mentalidade, de correção de rumo, de conversão. O novo rumo encerra promessa, liberdade, solidariedade, que conduz do velho, onde tudo cheira à morte, para o novo, que salva, recria, liberta e torna a vida gratificante. O novo rumo é descrito no NT como Boa-Nova, cujos conceitos centrais têm sua origem no AT. Encerram um percurso considerável na história do pensamento do antigo Israel e do judaísmo incipiente. O conceito *debar Yhwh* (palavra do Senhor em hebr.), foi ganhando densidade a partir da prática profética, mas foi fora da terra de origem que Israel o percebe indispensável para dar sobrevivência à geração no exílio. O autor fundamenta-se no escrito dêutero-isaiânico, que se revela como nova Palavra de Deus dirigida aos judeus nascidos na Babilônia no período do exílio. A palavra precisava conquistar um auditório cético e desmotivado a dar crédito às ações anunciadas em nome de Deus, descortinando um horizonte promissor para os interlocutores como resposta aos anseios de terras e ilhas, povos e nações que estão em busca de uma nova ordem mundial. A palavra anunciada pelo Dêutero-Isaiás configura-se como movimento que abre as portas para a liberdade.

Ademir Rubini escreve sobre “o chamado à liberdade”. Afirma que a liberdade, mais do que um atributo ou uma qualidade do ser humano, é a própria razão de ser da sua existência. A liberdade é dom de Deus e conquista humana. O autor lembra-nos que a natureza humana traz a marca do pecado e das contingências do tempo. Trazemos em nós a duplicidade dos instintos egoístas (que nos escravizam) e, ao mesmo tempo, do Espírito (que nos liberta). Baseando-se na carta de Paulo aos Gálatas, conclama-nos à liberdade em Cristo conquistada através de permanente conversão de nossa vida, num trabalho constante de superação dos nossos limites, a fim de nos deixar conduzir pelo Espírito de Deus. A comunidade da Galácia estava correndo o perigo de perder a graça da verdadeira liberdade em Cristo Jesus e, assim, perdendo a essência do Evangelho e da fé cristã. Paulo enfrenta esta situação provocada especialmente pelos judaizantes que intencionavam impor a prática da Lei Mosaica àqueles que abraçavam a fé em Jesus Cristo.

O Apóstolo defende o princípio de que Cristo nos colocou numa condição de liberdade, inclusive, diante da Lei. “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1). Todos os elementos do cristianismo recebem a sua luz desse enunciado fundamental. Somente pode ser considerada cristã a pessoa que constrói a liberdade.

“Convite à liberdade, à felicidade e à fraternidade no livro do Apocalipse” é o título do artigo de *Silvia Togneri*. Durante o desenvolvimento do estudo, segundo a autora, foi possível descobrir textos elucidadores do tema abordado. A liberdade se apresenta no Apocalipse como proposta de Deus para que os seres humanos abandonem as amarras que os impedem de viver com dignidade. Por isso, a necessidade de conversão exigida no livro. O caminho para a felicidade está delineado, especialmente, nas sete bem-aventuranças espalhadas ao longo do livro; deve ser conquistada com empenho e perseverança. Vários textos revelam o rosto fraterno de Deus, sua proximidade com as pessoas sofredoras, sua misericórdia e sua justiça. A fraternidade é caminho de salvação, é característica da nova humanidade. Jesus quer mostrar aos leitores e ouvintes do Apocalipse como Deus age na história, em especial salvando a todos da opressão bestial do império. As visões proféticas descritas no livro visam transmitir alento e força aos oprimidos, revelando-lhes que outra realidade é possível em contraposição àquela que estavam vivendo, pois Deus continua sendo o Senhor da história, como o foi no passado. O poder do império não subsistirá por muito tempo, os inimigos serão destruídos, e o povo fiel será conduzido ao novo céu e à nova terra. O Cordeiro imolado e ressuscitado caminha no meio deste povo, proporcionando-lhe a vitória sobre todos os males.

Orides Bernardino nos convida a fazer uma releitura do Livro de Baruc que chegou até nós graças à versão grega da Septuaginta. Escolheu por título esta bem-aventurança: “Felizes somos nós, Israel, pois aquilo que agrada a Deus a nós foi revelado” (Br 4,4). Em rápidas pinceladas apresenta o autor do livro, sua obra e os possíveis interlocutores. Concentra-se, a seguir, no conteúdo do livro cujo objetivo principal é conservar o sentimento religioso dos israelitas dispersos pelo mundo após a ruína de Jerusalém pela Babilônia e a conseqüente perda de quase todas as suas instituições. Mostra como eles mantiveram viva a consciência de ser um povo adorador do verdadeiro Deus, fonte de todo o bem, garantia de um futuro novo, tendo Jerusalém como mãe comum. Ela convida os seus filhos para que supliquem a Deus pela libertação e pela restauração da unidade. O profeta, então, exorta o povo a depor o luto, pois Deus atendeu às orações e súplicas, e os deportados haverão de voltar à sua pátria. Na exortação aparecem as palavras-chave profundamente animadoras: “Coragem, meu povo...” (4,5); “Coragem, filhos...” (4,22); “Coragem, Jerusalém...” (4,30); “Levanta-te, Jerusalém...” (5,5). A mensagem de Baruc estimulou o povo de Israel, e nos estimula também hoje, a ter sempre uma firme confiança na Palavra de Deus, pois ela é convite à empenhar-se pela conquista da liberdade e da fraternidade.

“O Catecumenato e Palavra de Deus” é o tema escolhido por *Ariél Philippi Machado*, já há algum tempo dedicado à formação catequética. Fundamentando-se na história da revelação de Deus narrada na Bíblia, constata que a expe-

riência de fé é fruto da convivência humana, escuta atenta e abertura pessoal ao transcendente. Pela escuta atenta, os seres humanos possuem a capacidade de se reconhecerem mutuamente como membros de uma comunidade onde o mínimo para sua sobrevivência está pautado na escolha entre a fraternidade e o egoísmo, entre a liberdade e o domínio opressor. A fé, experiência pessoal e comunitária, é a disposição interna de acreditar em novas possibilidades de vida e superação de todo tipo de mal que aflige o ser humano. Esta experiência é passível de transmissão e, além disso, de ser educada, por meio de um método, o Catecumenato, a partir dos relatos das Escrituras. A educação da fé tem como centro a Palavra de Deus que, viva e eficaz, é provocadora de mudanças significativas na caminhada pessoal e comunitária. A centralidade da Palavra de Deus exige renúncias de modelos pastorais que impõem rótulos e certezas paralisantes. Diante da novidade do Evangelho, precisamos captar os sinais da ressurreição e identificar como Deus se comunica na vida do povo de nossos dias.

O último artigo “Palavra de esperança”, de *Celso Loraschi*, tece comentários a partir da terceira parte da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*. Após expor sinteticamente a estrutura geral do documento, comenta a respeito da missão da Igreja como anunciadora da Palavra de Deus ao mundo. Para proporcionar o verdadeiro encontro com o Deus da Vida, faz-se necessário que a sua Palavra seja anunciada sempre de novo, de modo persuasivo, com inteireza e ousadia, na certeza de sua eficácia. Retomando o que declara a *Verbum Domini* o autor enfatiza que a Palavra de Deus “não se constitui numa bela filosofia ou utopia, mas antes como uma realidade que se pode viver e que faz viver”. Deus se revela à humanidade não de forma abstrata, mas com expressões relacionadas às diversas culturas, gerando valores fundamentais para uma existência sadia e uma convivência pacífica e fecunda. Para isso somos enviados ao mundo por Jesus, assim como Ele foi enviado pelo Pai, como servidores da Palavra libertadora, cujo conteúdo é o Reino de Deus. “Não se trata de uma palavra anestesiante, mas desinstaladora, que chama à conversão, que torna acessível o encontro com Cristo, através do qual floresce uma humanidade nova”. Constitui-se, fundamentalmente, em palavra de esperança, relacionada ao compromisso social no empenho de promoção dos direitos humanos, de liberdade, de reconciliação e de fraternidade universal.

Os articulistas levantam marcos indicadores no caminho de uma nova sociedade. Outras balizas poderiam surgir se fossem outras as pessoas a debruçar-se sobre o tema da liberdade e da fraternidade. É muito bom que assim seja, uma vez que a Palavra de Deus é pródiga em sua mensagem, percebida de modos diversos de acordo com o contexto em que cada pessoa se encontra. Percebe-se, no entanto, uma constante que perpassa os artigos: a possibilidade de transformação da realidade provocada por sistemas que destroem a vida, para uma realidade em que os seres humanos, em sintonia com todas as demais criaturas, se acolhem, se cuidam, se protegem, se amam.

Silvia Regina Nunes da Rosa Togneri
Celso Loraschi